

ANGELA GANEM

## LÓGICA DO MERCADO E LÓGICA CULTURAL NO CAPITALISMO ATUAL

Recebido em 25/10/2024

Aprovado em 16/11/2024

DOI: 10.69585/2595-6892.2024.1195

# LÓGICA DO MERCADO E LÓGICA CULTURAL NO CAPITALISMO ATUAL<sup>1</sup>

## Resumo

O objetivo do artigo é explorar a relação dialética entre a lógica do mercado e a lógica cultural no capitalismo contemporâneo. Se o capitalismo tem seus fundamentos definidos pela propriedade privada, pela concorrência e pelo individualismo, faz-se necessário analisar, nos marcos do atual padrão globalizado da ordem capitalista, os valores deles decorrentes. Assim, entendida a cultura em seu sentido mais amplo, busca-se identificar, na ordem simbólica, as expressões – políticas, artísticas, comportamentais, psíquicas – que acabam por reproduzir e reforçar a ordem do mercado capitalista e sua lógica. Entendemos que, apesar de reformas e resistências culturais, a lógica do mercado, sobretudo nesta etapa histórica neoliberal de rebaixado horizonte utópico e que a ascensão do pós-modernismo de alguma maneira revela, segue invadindo espaços geográficos, sociais e os terrenos mais recônditos da subjetividade humana, com consequências desastrosas.

**Palavras-chave:** lógica do mercado; lógica cultural; indústria cultural; capitalismo contemporâneo

## ANGELA GANEM

Professora do Instituto de Economia da UFRJ

Email: [angelaganem.rj@gmail.com](mailto:angelaganem.rj@gmail.com)

---

<sup>1</sup> Versões preliminares do presente artigo foram apresentadas em novembro de 2014 no VII *Scientiarum Historia* – congresso do Curso de Pós-graduação em História das Ciências e da Tecnologia e Epistemologia (HCTE) da UFRJ – e em junho de 2017 no XXII Encontro Nacional de Economia Política – encontro anual da Sociedade Brasileira de Economia Política (SEP). Agradeço os organizadores desses eventos por terem acolhido o trabalho e os comentários e sugestões dos presentes nas duas ocasiões.

## **Abstract**

The aim of this article is to explore the dialectical relationship between market logic and cultural logic in contemporary capitalism. If capitalism has its foundations defined by private property, competition and individualism, it is necessary to analyze, within the framework of the current globalized pattern of the capitalist order, the values that derive from them. Thus, understanding culture in its broadest sense, we seek to identify, in the symbolic order, the expressions – political, artistic, behavioral, psychic – that end up reproducing and reinforcing the capitalist market order and its logic. We understand that, despite democratic advances, reforms and cultural resistance, the logic of the market, especially in this neoliberal historical stage of reduced utopian horizon and that the rise of postmodernism somehow reveals, continues to invade geographic and social spaces and the most hidden terrains of human subjectivity, with disastrous consequences.

**Keywords:** market logic; cultural logic; cultural industry; contemporary capitalism

## **Introdução**

O objetivo do artigo é explorar a relação dialética entre a lógica do mercado e a lógica cultural no capitalismo contemporâneo. O ponto a identificar na ordem simbólica são as expressões políticas, artísticas, comportamentais e psíquicas, ou seja, as expressões culturais – tratada a cultura em seu sentido mais amplo – que, ao fim e ao termo, reproduzem e reforçam a ordem do mercado capitalista e sua lógica. Se o capitalismo tem seus fundamentos definidos pela propriedade privada, pela concorrência, pelo individualismo, é mister analisar os valores deles decorrentes no atual padrão globalizado da ordem capitalista. Assim, os fenômenos a serem estudados inserem-se num cenário no qual, à descrença na construção de uma ordem alternativa desencadeada pela crise da utopia socialista em fins do século passado, se soma o conformismo ditado pela ideia de que só o mercado capitalista é capaz de produzir riqueza e felicidade, ou, em poucas palavras, ditado pelo ideário neoliberal, segundo o qual o mercado é o único caminho possível para as sociedades contemporâneas. Entendemos que, apesar de alguma resistência, o mercado capitalista e sua lógica seguem invadindo espaços geográficos, sociais e a própria subjetividade humana. Nesse sentido, será interessante notar a contradição entre, de um lado, a leveza do discurso da pós-modernidade, que nega a metanarrativa e desvaloriza as utopias, e, de outro, o estímulo e a submissão a uma lógica férrea que avança sobre a cultura e os valores, transformando o mercado no grande sujeito e apontando para o fim da história. É deste fenômeno que trata o texto.

### **I. Interdisciplinaridade: metodologia e história da questão**

Para tratarmos de nosso objeto, necessitamos que a interdisciplinaridade entre a economia (base econômica) e a cultura (superestrutura ideológica) integre e articule os discursos da sociologia, da psicologia, da política e da filosofia ao da economia.

A ascensão do nazismo e os descaminhos stalinistas da revolução russa – questões consideradas como das mais pungentes do século XX – suscitaram novas respostas para superar a explicação determinística e mecanicista da relação da base com a superestrutura do marxismo ortodoxo. A criação, em 1923, do Instituto de Pesquisas Sociais (Institut für Sozialforschung), mais tarde conhecido como “Escola de Frankfurt”, foi uma das respostas ao desafio de compreender dialeticamente a relação da economia com a superestrutura cultural da sociedade, lançando novas luzes sobre esta última (Jay, 2008).

Adorno, Horkheimer, Fromm, Marcuse e Benjamin, os primeiros cinco membros do *Institut*, desenvolveram a *teoria crítica*, uma teoria cujo caráter aberto, investigativo e inacabado expressava uma crítica às teorias abstratas, às verdades totais e estabelecidas. Horkheimer, seu segundo diretor, afirmava que o verdadeiro objetivo do marxismo não era desvendar verdades imutáveis, mas fomentar a mudança social, e que o verdadeiro materialismo era dialético, envolvendo um processo contínuo de interação sujeito/objeto. Para ele, o verdadeiro perigo estava não naqueles que exageravam a subjetividade e a individualidade, mas sim naqueles que as reduziam a uma falsa totalidade. A partir dessas premissas, eles construíram a ideia de que todos os fenômenos culturais eram mediados pela totalidade, e não apenas reflexos de interesses de classe. Seus estudos críticos sobre as artes e a cultura de massa levaram-nos, em particular, Benjamin ([1936]2002) para os estudos da reprodutibilidade de bens culturais, e Adorno e Horkheimer ([1940]1984) para a concepção da “indústria cultural”, marco para o entendimento contemporâneo da reprodução de valores. Estes estudos tinham como base uma rigorosa crítica à lógica formal e ao positivismo como filosofia e método<sup>1</sup>, além de uma crítica radical à racionalidade instrumental e à sua reprodução nas subjetividades e nos comportamentos. Isto levou-os à tentativa de integrar o marxismo com a psicanálise, iniciada por Fromm,

---

<sup>1</sup> Veja-se, a propósito, o embate entre Popper e Adorno sobre o método dialético versus o positivismo (Ganem, 2012a).

além de vários estudos sobre totalitarismo (tema que fez ponte com os estudos de Hannah Arendt).

Entendemos que o atual desafio para o pensamento crítico segue sendo o aprofundamento da interlocução entre as áreas sociais e humanas. cc Muitas das análises enriquecedoras neste tema vêm hoje de marxistas antenados, como Fredric Jameson, Terry Eagleton, Perry Anderson, David Harvey e Slavoj Žižek, entre outros, que se esforçam por elucidar a cultura e sua relação com a economia sem repetir fórmulas simplificadoras e mecanicistas que nada acrescentam ao desafio de compreensão da complexidade do mundo atual. No plano filosófico e político, enfrenta-se uma lógica que se estende à cultura (arte) e uma cultura que se torna mercantil. Nas palavras de Fredric Jameson: a teoria marxista precisa fornecer interpretações para a ideologia e luta de classes, para a cultura e a operação das superestruturas na escala mais vasta da globalização contemporânea, com termos necessariamente novos, dadas as novidades do ampliado mercado mundial capitalista (2006).

Inspirada nesta exigência, ensaiamos alguns passos para identificar, reunir e extrair um sentido que nos permita unir os vários aspectos de uma lógica de mercado que avança em múltiplos terrenos. São análises críticas que partem de teóricos dos mais variados domínios das ciências sociais e humanas e nos fornecem elementos para esboçarmos a complexidade de nossas sociedades, unindo economia, filosofia e cultura. Começamos pela economia, através da lógica do mercado.

## **2. Lógica do mercado: forma científica e ideológica**

A lógica do mercado capitalista é uma das formas científicas (e também ideológicas) de ler, descrever e legitimar o fenômeno do capitalismo. Trata-se de uma teoria que entende o mercado como explicação da ordem social<sup>2</sup>, ou como uma teoria da sociedade oposta à concepção crítica da economia

---

<sup>2</sup> Sobre as diversas formas que o mercado como ordem social assume ao longo da História do Pensamento Econômico, veja-se Ganem (2012b).

política marxista, a qual parte da produção e do valor para compreender a raiz da exploração e da mais-valia. Esta concepção do mercado como ordem social aparece originariamente na história do pensamento econômico e na história das ideias sociais no século XVIII, através da solução de Adam Smith<sup>3</sup> frente aos filósofos do contrato, avança analiticamente um século após na tentativa de demonstração lógico-matemática da Teoria do Equilíbrio Geral em Walras<sup>4</sup>, para se cristalizar no século XX na teoria de Hayek em que a história realizaria o autodesenvolvimento da ordem do mercado (Ganem, 2012c).

O século XX tem em Hayek uma das expressões mais importantes do neoliberalismo. Sua (teoria) lógica do mercado parte da ideia de que os indivíduos, num processo de experimentação, escolhem entre erros e acertos e, à la Popper, as regras da concorrência, elemento importante de coesão da ordem espontânea do mercado. Hayek traduz nos seus próprios termos a ordem natural smithiana, ao mesmo tempo que critica a ordem racional enrijecida dos complexos modelos matemáticos neoclássicos, cujo objetivo é demonstrar a superioridade do mercado. Sua teoria da evolução cultural analisa a evolução das sociedades até as sociedades complexas (*great societies*) como um processo de autodesenvolvimento do mercado ([1937]1983). Não à toa esta teoria se cristalizou na apologia e na retórica dos ultraliberais na defesa do mercado como a única forma de organização para as sociedades contemporâneas (Ganem, 2012c). A análise hayekiana reforça a ideia do mercado como fim da história – debate dos idos dos noventa do século XX, que se inscreve no contexto do discurso da direita (diferentemente do debate sobre o fim da arte, da política e da filosofia, oriundos da esquerda),

---

<sup>3</sup> Em Smith, os interesses privados dos indivíduos, ao invés de se chocarem produzindo a guerra, são agraciados por uma mão invisível que os orienta para o bem-estar coletivo. A explicação smithiana assentada única e exclusivamente na imponderável e complexa ação dos indivíduos tem “naturalmente” como resultante a ordem social do mercado. A solução smithiana fornece uma resposta convincente e afinada à nova ordem capitalista que se inaugurava e ao ideário liberal. E não é por outra razão que a teoria do mercado de Smith se torna inquestionavelmente a matriz teórica da ordem social (Ganem, 2012b).

<sup>4</sup> Em fins do século XIX, Walras retoma a ideia de Smith de uma ordem que emerge espontaneamente e se propõe a demonstrar matematicamente que a ordem racional do mercado existe, é estável e ótima (Ganem, 2012b).

e que corresponde no tempo e no espaço ao avanço geográfico/espacial do capitalismo no mundo<sup>5</sup>.

Mas o que nos interessa particularmente é que a este avanço geográfico do capitalismo se soma a invasão da lógica do mercado em todos os domínios sociais e psíquicos da sociedade, transformando as relações sociais em relações mercantis, deteriorando a política, os laços sociais, os valores, as subjetividades (psiquismo) e as artes. Mas, antes de identificarmos estas expressões, um elo indispensável e eficaz dissemina e reforça os valores que alimentam a ordem e o *status quo*. Trata-se da indústria cultural, tema que exploraremos a seguir.

### **3. Lógica do mercado e lógica cultural: a indústria cultural como elo indispensável**

A indústria cultural funciona como agente disseminador de valores e torna mais complexa e sofisticada a questão da ideologia no capitalismo contemporâneo, pois atinge indiscriminadamente um enorme contingente de consumidores dos meios de comunicação de massa (*mass media*).

A indústria cultural, assim nomeada por Adorno, é um sistema que envolve cinema, tevê, rádio, revistas e jornais e que produz, explora e comercializa bens culturais próprios das técnicas de reprodução em série e da homogeneização. Embora Adorno & Horkheimer tenham se concentrado no cinema, entendemos que é possível estender alguns aspectos desta análise para o restante do sistema, revisitando-o, e atualizando-o, sem perder sua essência filosófica. A lógica que se impõe é a de que o espectador não deve ter nenhum pensamento próprio nem possibilidade de divagação, de sonho, ou de aprofundamento crítico de suas humanidades, posto que toda

---

<sup>5</sup> Do ponto de vista filosófico se explorou à exaustão o fim das grandes narrativas. Fukuyama identifica o colapso do comunismo via uma perestroika agonizante, a queda do Muro em 1989 e a destruição do socialismo e do fascismo como os fatores evidenciadores de que o capitalismo, o mercado e a democracia burguesa se constituíram no coroamento da história da humanidade ou, em outras palavras, de que teríamos chegado ao fim da história (Anderson, 1992).

ligação que pressuponha um esforço intelectual é escrupulosamente evitada. Aliás, ele nada pode acrescentar ao que lhe tenha sido antecipado. Trata-se de um pacote pronto, cuja expressão máxima são os filmes e seriados do *mainstream* hollywoodiano<sup>6</sup>. O roteiro é dado por clichês, ditado por princípio, meio e fim, e a performance e o detalhe técnico tomam o lugar da ideia, adestrando um sujeito esvaziado de sua capacidade de pensar e julgar. Os autores destacam ainda que, ao adentrar o espaço do lazer, a violência da sociedade industrial instala-se nos homens de uma vez por todas<sup>7</sup>.

A diversão (*entertainment*) é procurada por quem quer se aliviar do processo de trabalho. É o “divertir-se” ou “o não ter que pensar nisto”, ou o esquecer o sofrimento até mesmo onde ele é mostrado. A questão para os autores é que o sentido maior desta diversão seria colocar os sujeitos (os trabalhadores) de novo em condições de enfrentar o trabalho. Para Adorno e Horkheimer, a indústria cultural como diversão é distinta da arte e favorece a resignação e o conformismo. A arte forneceria a substância trágica ou tragicômica que a diversão (*entertainment*) não pode por si só trazer. Além disso, esta estética, ao retirar o destino trágico, o transforma em punição justa. O cinema torna-se efetivamente uma instituição de aperfeiçoamento moral, afirmam os autores.

Para eles, a indústria cultural não é arte, e sim publicidade, e faz parte do processo de desmitologização da palavra, em que os juízos de valor são percebidos como publicidades. Trata-se de um processo linguístico/cultural que significa, como afirmam os autores, que, “quanto mais as palavras se convertem em veículos destituídos de sentido, e mais pureza e transparência transmitem, mais impenetráveis se tornam. A palavra serve apenas para designar, e, fixada à coisa, torna-se uma fórmula petrificada”. Além disso, a indústria cultural propaga uma liberdade que não existe: a falsa liberdade para escolher sempre a mesma coisa. E acrescentam que, “mesmo

---

<sup>6</sup> Sobre isso, Martel (2012) traça um panorama descritivo da nova geopolítica cultural e das mídias no mundo globalizado costurado pela lógica do mercado.

<sup>7</sup> Ver a propósito Zizek (2006), em que o autor estabelece pontes entre Marx e Lacan e destaca a violência do capitalismo na invasão do sonho dos indivíduos.

quando o público se rebela contra ela [a indústria cultural], essa rebelião é o resultado lógico do desamparo para o qual ela própria o educou” (Adorno & Horkheimer, [1940]1984).

À destituição da capacidade de pensar e julgar do sujeito pela indústria cultural, Arendt (1972) acrescentou a ação (ou a falta dela) na política. É o que veremos a seguir, além de considerações sobre outras expressões da reprodução da ordem capitalista e da lógica do mercado, como aquelas verificadas nos planos da subjetividade e das artes.

#### **4. Lógica do mercado na política, na sociedade, nas subjetividades e nas artes**

##### **4.1 A Política, seu esquecimento ou seu aniquilamento**

Para identificarmos na política as consequências desastrosas da lógica do mercado retomamos Hannah Arendt, uma das principais filósofas políticas do século XX. Sua obra abrange uma vasta gama de questões que tem como elemento propulsor a crítica ao totalitarismo em todas as suas nuances e formas. No que diz respeito ao nazismo, Arendt formula a seguinte questão: que leis da psicologia de massas explicam por que milhões de seres humanos se deixam levar sem resistência às câmaras de gás? E ela mesma responde a partir de um eixo teórico inegociável, ponto de partida metodológico para sua reflexão: o totalitarismo tem como meta determinada destruir o indivíduo e a sua espontaneidade. Destruir, portanto, a individualidade, ou assassiná-la, para ser fiel aos próprios termos da autora, significa atingir o seu âmago: destruir a espontaneidade ou o poder do homem de começar qualquer coisa de novo a partir de seus próprios recursos. Os que aspiram à dominação total devem, portanto, liquidar implacavelmente a espontaneidade. A individualidade é intolerável e o poder total só pode ser preservado num mundo de reflexos condicionados de cachorros pavlovianos, de marionetes que não apresentam a menor suspeita de espontaneidade (Arendt, 1972).

O âmago da teoria e da crítica ao totalitarismo é a identificação de que os homens que vivem sob o seu jugo tem um *pensar* que não compreende, uma incapacidade de *julgar* e um *agir* que se dá mecanicamente. A ação, nos diz Arendt, supõe a urgência do pensamento sobre o agir e ela é a única atividade que se exerce diretamente entre os homens, sem a mediação das coisas ou da matéria. Na verdade, ela corresponde à condição humana de pluralidade e, como expressão inequívoca da individualidade, carrega consigo a fonte do significado da vida humana. Embora as ações fugazes e perecíveis da vida política nunca cumpram a sua intuição original e desencadeiem alguma coisa que não pode ser prevista, Arendt afirma com contundência que “a única forma capaz de realizar feitos não é nem a capacidade teórica, nem a razão, mas a faculdade humana de agir, de iniciar processos novos e sem precedentes, cujo resultado é incerto e imprevisível, quer sejam desencadeados na esfera humana ou no reino da natureza” (1987, p. 243).

No entanto, Arendt, preocupada e comprometida com a democracia, atinge com sua crítica o mercado, através do consumismo (que pode acarretar o despotismo de uma sociedade de massas), o elemento vital de sua forma de reprodução. Ela defende o modelo político da *polis* grega, em que a ação política é a peça chave da liberdade individual e, sendo restrita aos cidadãos, estaria, portanto, preservada de qualquer manipulação. Arendt lamenta que a sociedade de massas, no esforço de promover uma uniformização do comportamento consumista, se orienta em direção ao conformismo, negando a pluralidade da discussão.

Em *A Crise da Cultura* Arendt nos alerta para os traços da psicologia coletiva do homem de massa: “seu abandono – abandono que não é nem isolamento, nem solidão – independente de sua faculdade de adaptação; sua excitação e sua falta de critérios; sua atitude voltada para o consumismo acompanhada de uma incapacidade de julgar ou mesmo de distinguir e, por trás de tudo isto, seu egocentrismo e uma alienação do mundo” (1972, p. 255). Esta crise da cultura própria da sociedade de massa, que maltrata a individualidade no sentido de produzir abandono e consumismo, produz o

que ela considera o mais grave para a humanidade: a alienação — expressa na sua incapacidade de julgar e de discernir, ficando o homem suscetível à manipulação.

Sua crítica ao consumismo caracterizada pelo desinvestimento cultural é, sem dúvida alguma, uma crítica à lógica do mercado. São inúmeros os autores que recorrem a Arendt, como referência teórica crítica, identificados com sua análise acerca da sociedade em que hoje vivemos, desprovida de valores éticos humanistas, e marcada pelo consumismo e pela moral do entretenimento<sup>8</sup>. A sociedade de massas dessa *great society* leva, segundo a autora, à anulação da cultura, dando lugar à banalização do entretenimento e ao conformismo, o que, para Arendt, é o elemento central que pode levar à destruição da humanidade<sup>9</sup>. A política neste sentido, como possibilidade de fazer irromper algo novo, ligada a uma capacidade de pensar e de julgar e de comprometer o cidadão com a *polis*, estaria em declínio.

Para muitos autores, a era desse capital globalizado é a do esquecimento da política, que se dá pela privatização da vida, o elogio ao individualismo e a dissolução do coletivo. Nada mais perigoso para democracia do que o refúgio dos cidadãos nos seus territórios particulares. A esses subcidadãos consumidores só lhes resta se submeterem às leis do mercado. A hegemonia da vida privada regida pelos padrões do individualismo é o advento da moral do interesse privado, ficando em um plano secundário o significado do interesse público. Trata-se de um encolhimento do espaço público e do alargamento do privado, uma submissão da política aos procedimentos da sociedade do consumo e do espetáculo, que, ditada pela ideologia da competência, reduz a política a uma questão técnica (Novaes, 2007).

Enfim, revisitar Hannah Arendt é garantia de reflexão crítica sobre a necessidade de uma ação política associada a um pensar e um julgar

---

<sup>8</sup> Consultar Costa (2004), que toma por base Arendt para tecer uma crítica ao consumismo e à moral do espetáculo, além de Dufour (2005) e Lipovetsky (2004).

<sup>9</sup> Outras consequências da ideia do privado e dos negócios imperando sobre o coletivo é a privatização do espaço público e a promiscuidade, a falta de cuidado e de respeito com o que é público. Uma outra extrapolação bem atual da sociedade imagética e do vazio pela falta de uma realização política é a saturação do espaço público com discursos privados, próprio das redes sociais (Novaes, 2007).

discricionários. A falta desses últimos dá o tom da pobreza cultural e das distorções dos valores do mundo em que vivemos.

## 4.2 Sociedade e cultura de consumo

A contribuição de cientistas sociais complementa as reflexões de Adorno/Horkheimer e Hannah Arendt, explorando novos aspectos para a compreensão da sociedade que se conforma sobretudo a partir dos anos sessenta do século XX. As múltiplas nomeações que ela toma já nos dá a dimensão do esforço requerido para analisá-la. São algumas delas: a sociedade de consumo pós-industrial, a sociedade da mídia e do espetáculo, a sociedade globalizada, a sociedade multinacional<sup>10</sup>.

Um ponto importante é a identificação de uma individualização sem limites, expressa na ideia de que provém sempre de nossos erros o que está errado em nossas vidas. Os ideólogos do fundamentalismo do mercado têm aí uma de suas premissas mais importantes: indivíduos e sociedades são as próprias vítimas de suas escolhas erradas, de suas opções incompetentes (Hayek, [1934]1983). Um outro ponto é a falsa noção de liberdade. Todos os membros da sociedade são embalados pela ideia da liberdade ligada à livre escolha: uma liberdade sem precedentes para escolher mais do mesmo (Zizek, 2006). O *Homo Eligens* de Bauman é uma irônica caricatura do legendário *Homem Econômico Racional* da teoria econômica ortodoxa (2007).

Um segundo ponto interessante a destacar é o medo à inadequação e a tentativa de superação do medo pelo ato de consumir. Vivemos sob a égide de uma cultura consumista, que se define pela sua síndrome: um desejo crescente e insaciado de consumo numa velocidade que é diretamente proporcional à intensidade do esquecimento (como nos diz Milan Kundera). No limite todos são estimulados a gastar com objetos sem sentido para evitar o horror de se sentir inadequado (Bauman, 2007). O ato de

---

<sup>10</sup> Muitos são os autores que exploraram as inúmeras facetas da sociedade de consumo. Alguns são clássicos, como Guy Debord, com *La Société du Spectacle*, de 1967, Jean Baudrillard com *La Société de Consommation*, de 1970, e Christopher Lasch com *A Cultura do Narcisismo*, de 1979. Além desses, destacam-se os trabalhos de Pierre Bourdieu, Gilles Lipovetsky e Zygmunt Bauman.

comprar transforma-se em ritual de exorcismo, exercício dos demônios interiores, na tentativa de dominar a insegurança provocada pelo desamparo, condição filosófica do homem moderno, identificada por Freud ([1929]1997) como a causa do mal-estar nas nossas sociedades, e que se encontra repaginada na voz de psicanalistas críticos contemporâneos. É o assunto que veremos a seguir.

### 4.3 Psicologia e psicopatologia

Em termos sociais, os comportamentos consumistas, alimentados pelo individualismo e pela concorrência, apostam na valorização do aparente, da imagem e do simulacro. A contrapartida nas subjetividades contemporâneas é a dilaceração do psiquismo na tentativa de atender a esta lógica. Para Birman (2012), o autocentramento desses indivíduos egoicos (mônadas isoladas) se expressa em um narcisismo e uma teatralidade sem limites (uma estetização vazia da existência). As máscaras são os veículos em que os atores se inserem como personagens na cena social. Segundo suas palavras: “Não se pode mais opor o original à cópia, pois o simulacro perpassa a totalidade do tecido social, constituindo uma nova concepção de realidade e do que é real.” Como o horizonte intersubjetivo se encontra esvaziado e desinvestido de trocas inter-humanas, o que se observa nos terrenos mais recônditos dos indivíduos são as depressões, as síndromes do pânico e as toxicomanias<sup>11</sup>.

Estas doenças psíquicas podem ter origens genéticas e pessoais, mas a literatura crítica psicanalítica adiciona aí um elemento explosivo: o “fracasso” do indivíduo na realização do que dele é esperado pela sociedade, perante a qual as *personas* se inscrevem e desfilam no cenário social. A cultura da imagem é apenas a face externa do individualismo exacerbado: a glorificação do eu e a estetização da própria existência. Isto tem significado um crescente consumo de drogas para conter as angústias na tentativa de capacitar o indivíduo para as mazelas do narcisismo e as mirabolâncias do

---

<sup>11</sup> Sobre a depressão na atualidade, consultar Salomon (2001).

espetáculo e da concorrência. A saída pelas drogas é mais uma prova de que não existe lugar nem para depressivos nem para panicados, os recalitrantes trágicos modernos. A este fenômeno, Birman (2012) nomeou de “psicopatologia da pós-modernidade”.

#### **4.4 Arte e artefato pós-moderno**

Segundo David Harvey, Fredric Jameson, Perry Anderson e Terry Eagleton, o pós-modernismo é uma teoria que surge da própria estética, a partir da década de sessenta do século XX, e que, na década de oitenta, se expressa na vulgaridade cultural de excessos e de consumo. Ela traduz a correlação de novas formas culturais com uma nova forma econômica e social, e a ela se atribui uma teoria: a pós-modernidade. O que se observa é uma invasão da lógica do mercado na cultura, uma cultura que é consumida na vida quotidiana, nas compras, na produção para o mercado, no consumo dos produtos mercadológicos, nas atividades profissionais, no lazer televisivo, enfim nos ângulos mais recônditos do cotidiano. Podemos afirmar, com Jameson (2006), que a pós-modernidade é a lógica cultural do capitalismo atual.

Para compreender o pós-modernismo nada melhor do que contrapô-lo ao moderno, que é ao mesmo tempo sua origem e negação. Comecemos com uma questão inegociável para o pós-modernismo: sua profunda aversão a todo projeto que busca a emancipação humana universal pela mobilização das forças da tecnologia, da ciência e da razão. O desenvolvimento de formas racionais de organização social e de modos racionais de pensamento, em uma palavra, o domínio científico da natureza, prometia a libertação das irracionalidades, do mito, da religião, da superstição, do uso arbitrário do poder e do lado sombrio da natureza humana<sup>12</sup>. A decepção frente às promessas do progresso como solução para a felicidade levou-os à negação de qualquer utopia e à rejeição de um projeto unificador, ou de uma metanarrativa.

---

<sup>12</sup> A tese de Adorno e Horkheimer afirma que o iluminismo estava fadado a voltar-se sobre si mesmo porque por trás da racionalidade iluminista existia uma lógica da dominação e da opressão: a razão instrumental dominando a cultura e a personalidade. A ânsia de dominar a natureza acaba por envolver o domínio sobre os próprios seres humanos, ou seja, autodomação.

Coerente com esta ideia, o pós-modernismo rompe com o sentido moderno de continuidade e memória histórica e o historiador passa a ter o papel de arqueólogo do passado. Rejeitam-se, portanto, leis explicativas que desvelem um sentido para o movimento da história (seja ela concebida como evolucionista ou a partir do materialismo histórico e dialético) e a intenção de descobri-lo a partir do turbilhão da mudança. Ao negar os discursos universais ou totalizantes, o pós-modernismo se volta para a fragmentação, para a heterogeneidade, para a diferença e para a indeterminação como forças libertadoras. Em verdade, como nos afirma Eagleton, “ele nada nas fragmentárias e caóticas correntes da mudança, como se isso fosse tudo o que existe” (2009). Afinal, não há o que transcender, nem como opor-se ao efêmero, ao fragmentário, ao descontínuo e ao caótico, para buscar elementos eternos imutáveis. Duas frases, sublinhadas por David Harvey, são elucidativas da diferença entre modernos e pós-modernos. Enquanto para o moderno Paul Auster “fizemos de nós aquilo que somos agora e permanecemos o que fomos a partir dos anos”, Andy Warhol sintetiza sua concepção filosófica pós-moderna afirmando: “Jamais me despedaço, porque nunca fui inteiro” (2011).

Para o discurso pós-moderno estamos saindo do pesadelo da modernidade, com sua razão manipuladora e seu fetiche de totalidade, para um pluralismo pós-moderno, uma gama de estilos de vida e de jogos de linguagem. O artista moderno era aquele que era capaz de desvelar o universal e o eterno a partir de formas fugidias da beleza de nossos dias<sup>13</sup>. Para Eagleton “o artefato pós-moderno é travesso, autoironizador e esquizoide. Sua relação com a tradição cultural é de pastiche irreverente. E sua falta de profundidade intencional solapa todas as solenidades metafísicas através de uma estética da sordidez e do choque” (2009). Entretanto, o que surpreende e desafia a reflexão é que, no seu aparente descompromisso com um projeto que unifique ou com uma utopia, ele abraça impunemente a linguagem da mercadoria e legitima a lógica do mercado.

---

<sup>13</sup> Proust, Joyce, Manet, Kandinsky, Matisse, Picasso, Klee, são alguns dos mestres do modernismo. No Brasil, o modernismo estava associado à busca da nossa identidade, como em Oswald de Andrade, Mário de Andrade e Portinari, para citar alguns.

## 5. Considerações finais ou o mercado e sua lógica como projeto unificador

A explicação pós-moderna descreve uma aparente funcionalidade detectada pela rede de trocas de mercadorias e de valores, conectadas na horizontalidade, dominadas pela lógica do rizoma, em que não há raízes nem caules (fundamentos), mas apenas multidimensionalidade e interconexão. Entretanto, as reflexões que aqui apresentamos, ainda que de modo embrionário, fazendo uso de contribuições de diversas áreas do saber social e humano, levam à conclusão de que a multiconexão, que constrói e sustenta as redes, está ela própria ditada pela dominação de um sistema de produção e uma ordem de mercado que invade e submete à sua lógica os domínios espaciais, políticos, sociais e subjetivos.

Ainda há muito que desenvolver sobre este tema, mas é certamente fecunda a hipótese de que é o mercado capitalista que surge como a grande narrativa e como sujeito da história por trás da abordagem pós-moderna. O cerne da questão não está, portanto, em detectar conexões e redes. Estas têm, é claro, sua importância e uma importância crescente. Todavia, colocar o foco apenas nessas redes mostra-se insuficiente para compreendermos criticamente um sistema e sua lógica que, para se reproduzirem necessitam de sujeitos acrílicos, precários, instáveis, dóceis, abertos e disponíveis para todas as conexões dos fluxos de mercado e comunicacional. Apesar de reformas e resistências culturais, a lógica do mercado, sobretudo nesta etapa histórica neoliberal de rebaixado horizonte utópico e que a ascensão do pós-modernismo de alguma maneira revela, segue invadindo espaços geográficos, sociais e os terrenos mais recônditos da subjetividade humana, com consequências desastrosas. O mundo ocidental vai se tornando, num certo sentido, pessimistamente deleuziano<sup>15</sup>.

---

<sup>14</sup> O termo, importado da botânica, faz parte da filosofia de Gilles Deleuze e Félix Guattari. Partindo da análise do primeiro, que confere estatuto ontológico à *diferença*, a dupla de autores vai sustentar uma posição antifundacionista, avessa a estruturas e hierarquias, onde o que vale é a fluidez e as conexões contingentes. Remete assim a um mapa sempre aberto, desmontável e passível de ser reconstruído.

<sup>15</sup> A referência aqui é ao filósofo francês Gilles Deleuze. Vide nota anterior.

## Referências

- ADORNO, Theodor. e HORKHEIMER, Max. *Dialética do Esclarecimento: Fragmentos Filosóficos*. Tradução de Guido Antônio de Almeida. Rio de Janeiro: Zahar, [1944] 1985
- ANDERSON, Perry. *O fim da história: de Hegel a Fukuyama*. Tradução de Álvaro Cabral. Rio de Janeiro: Zahar, 1992
- ANDERSON, Perry. *As origens da pós-modernidade*. Tradução de Marcus Penchel. Rio de Janeiro: Zahar, 1999
- ARENDT, Hannah. *La Crise de la Culture*. Paris: Folio-Essais, 1972
- ARENDT, Hannah. *A Condição Humana*. Tradução de Roberto Raposo. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1987
- BAUMAN, Zygmunt. *O mal-estar da pós-modernidade*. Tradução de Mauro Gama. Rio de Janeiro: Zahar, 1998
- BAUMAN, Zygmunt. *Vida para o Consumo*. Tradução de Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar, 2007
- BAUMAN, Zygmunt. *Ensaio sobre o Conceito de Cultura*. Tradução de Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar, 2012
- BENJAMIN, Walter. *Obras Escolhidas – vol. I*. Tradução de Sérgio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense, [1936] 2012
- BIRMAN, Joel. *Mal-estar na atualidade*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000
- BIRMAN, Joel. *O sujeito na contemporaneidade*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2012
- BAUDRILLARD, Jean. *La Sociéte de Consommation*. Paris: Folio-Essais, 1970
- BOURDIEU, Pierre. *A economia das trocas simbólicas*. Tradução de Sérgio Miceli, Silvia de Almeida Prado, Sonia Miceli e Wilson Campos Vieira. São Paulo: Perspectiva, 2013
- COSTA, Jurandir Freire. *O Vestígio e a Aura: Corpo e Consumismo na Moral do Espetáculo*. Rio de Janeiro: Garamond, 2004
- DEBORD, Guy. *La Sociéte du Spectacle*. Paris: Les Editions Gallimard, [1967] 1992
- DUFOUR, Dany-Robert. *Arte de Reduzir as Cabeças: sobre a nova servidão na sociedade ultraliberal*. Tradução de Sandra Regina Felgueiras. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 2005
- EAGLETON, Terry. *A Ideia de Cultura*. Tradução de Sandra Castello Branco. São Paulo: Editora da Unesp, 2003
- FREUD, Sigmund. *O Mal-estar na Civilização*. Tradução de José Octávio de Aguiar. Rio de Janeiro: Editora Imago, [1929] 1997
- GANEM, Angela. Crítica à leitura hayekiana da história: a perspectiva da ação política de Hannah Arendt. *Nova Economia*, v. 19, n. 2, p. 267-284, maio-agosto 2009
- GANEM, Angela. Popper versus Adorno: lições de um confronto histórico. *Revista de Economia Política*, v. 32, n. 1, p. 87-108, jan-mar 2012a
- GANEM, Angela. O mercado como ordem social em Adam Smith, Walras e Hayek. *Economia e Sociedade*, v. 21, n. 1, p. 143-164, abr 2012b
- GANEM, Angela. Hayek: do mercado como ordem espontânea ao mercado como fim da história. *Revista Política e Sociedade*, v. 11, n. 22, p. 93-117, 2012c
- HAYEK, Friedrich. *Os Fundamentos da Liberdade*. Tradução de Anna Maria Capovilla e José Ítalo Stelle Brasília: Editora Universidade de Brasília, [1960] 1983

- HARVEY, David. *A condição pós-moderna: uma pesquisa sobre as origens da Mudança Cultural*. Tradução de Adail Ubirajara Sobral e Maria Stela Gonçalves. São Paulo: Loyola, 2011
- JAY, Martin. *A Imaginação Dialética: História da Escola de Frankfurt e do Instituto de Pesquisas Sociais, 1923-1950*. Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Contraponto, 2008
- JAMESON, Fredric. *A Virada Cultural: reflexões sobre o pós-moderno*. Tradução de Carolina Araújo. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006
- JAMESON, Fredric. *O Marxismo Tardio: Adorno ou a Persistência da Dialética*. Tradução de Luiz Paulo Rouanet. São Paulo: Editora da Unesp/Boitempo, 1990
- LASCH, Christopher. *A cultura do narcisismo: a vida americana numa era de esperanças em declínio*. Tradução de Ernani Pavanelli. Rio de Janeiro: Imago, 1983
- LIPOVETSKY, Gilles. *L'Ère du Vide: Essays sur l'individualisme contemporain*. Paris: Galimard, 1983
- LIPOVETSKY, Gilles. *O Império do Efêmero*. Tradução de Maria Lúcia Machado. São Paulo: Companhia das Letras, 2004
- LIPOVETSKY, Gilles. *Le Bonheur Paradoxal: essay sur la société d'hyperconsommation*. Paris: Editions Gallimard, 2006
- MARTEL, Frédéric. *Mainstream: a guerra global das mídias e das culturas*. Tradução de Clóvis Marques. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2012
- NOVAES, Adauto. Políticas do Esquecimento. In: NOVAES, Adauto (org.) *O Esquecimento da Política*. Rio de Janeiro: Agir, 2007
- SOLOMON, Andrew. *O Demônio do Meio-dia: uma anatomia da depressão*. Tradução de Myriam Campello. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001
- ZIZEK, Slavoj. *A visão em paralaxe*. Tradução de Maria Beatriz de Medina. São Paulo: Boitempo, 2006